

ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

Coletivos Estudantis como Vanguarda Ambientalista: uma análise sobre o Recanto na Universidade Federal Fluminense

Student collectives as an environmentalist vanguard: an analysis of the Recanto at Fluminense Federal University

Paolo de Castro Martins Massoni¹

1 Programa Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Possui mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ (2015) e graduação (bacharelado e licenciatura) em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Fluminense - UFF (2013 e 2016). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Email massoni.paolo@gmail.com/ORCID [0000-0002-7723-7845](https://orcid.org/0000-0002-7723-7845)

Palavras-chave:

Educação ambiental.
Universidade. Crise socioambiental.

RESUMO: Este artigo apresenta uma discussão sobre a contribuição dos coletivos estudantis nas universidades, com o movimento socioambientalista. É feita uma análise sobre o processo de criação e as atividades desenvolvidas na Universidade Federal Fluminense pelo coletivo Recanto e das possíveis relações dessas atividades com a educação ambiental (EA). A metodologia utilizada foi a Pesquisa-Ação-Participante e a análise de narrativas. Os principais motivos que levaram os estudantes a formar o coletivo foram a necessidade de superação da postura passiva dos estudantes; a reformulação do currículo; e o inconformismo com a má conservação e utilização dos espaços físicos da universidade. O Recanto não é um movimento isolado, nas universidades públicas brasileiras existem diversos coletivos de estudantes que buscam uma participação mais ativa no ambiente universitário e no seu processo formativo. As ações desenvolvidas pelo Recanto promoveram mudanças no processo formativo dos estudantes e na universidade, tendo como destaque o desenvolvimento da ecologia de saberes, bem como uma outra lógica de relações interpessoais, que promovem um processo alinhado à EA crítica. A atuação dos coletivos estudantis proporciona a uma maior aproximação da universidade com o restante da sociedade e com aspectos práticos. Com isso, apresentam potencial de alimentar a esperança para a busca de transformações socioambientais positivas, tanto nos estudantes quanto nos professores.

Keywords:

Environmental education. University. Socioenvironmental crisis.

ABSTRACT: This article presents a discussion about the contribution of student collectives in universities, with the social and environmental movement. An analysis is made about the creation process and the activities developed at the Fluminense Federal University by the Recanto collective, as well as the possible relationships between these activities and environmental education (EE). The methodology used was the Participant Action Research and narrative analysis. The main reasons that led the students to form the collective were the need to overcome the passive posture of the students; the reformulation of the curriculum; and nonconformity with the poor

conservation and utilization of the university's physical spaces. The Recanto is not an isolated movement. In Brazilian public universities, there are several student groups that seek a more active participation in the university environment and its formative process. The actions developed by Recanto promoted changes in the students and university training process, highlighting the development of the ecology of knowledge, as well as another logic of interpersonal relationships, which promote a process aligned with critical EE. The performance of the student collectives provides a closer approximation of the university with the rest of society and with practical aspects. Thus, they have the potential to feed hope for the search for positive social and environmental transformations, both in students and teachers.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma discussão sobre a atuação dos coletivos estudantis nas universidades, como núcleos criativos, que contribuem com o movimento socioambientalista. Foi feita uma análise sobre o processo de criação e as atividades desenvolvidas na Universidade Federal Fluminense pelo coletivo Recanto, bem como sobre as possíveis relações dessas atividades com a educação ambiental (EA).

O Recanto surgiu através da união entre estudantes do curso de Ciências Biológicas que buscavam ter uma participação mais ativa na universidade, de forma que pudessem aprimorar seus processos formativos e contribuir para a melhoria do ambiente universitário em diferentes contextos. Dessa maneira, tais estudantes criaram uma rotina de encontros, para debater o seu papel enquanto integrantes de uma universidade pública e pensar possíveis ações que promovessem a emersão de espaços de inovação e colaboração e que garantissem mais autonomia e protagonismo para os próprios estudantes. Outra intenção do grupo consistia em ampliar o contato com outros saberes teóricos e práticos que são pouco encontrados e valorizados no meio acadêmico.

UNIVERSIDADE, FORMAÇÃO E SABERES

Com a expansão e o vasto domínio da economia de mercado sobre a sociedade nas últimas décadas, a educação superior perdeu grande parte de sua capacidade crítica e de sua autonomia de produção. Dessa maneira, ela deixa escapar suas funções de educação, de formação e de fomento à autonomia dos sujeitos, em favor de uma lógica capitalista, embasando-se nos princípios da produtividade, da competição e do conhecimento de pronta aplicação (SOBRINHO, 2005).

Essas características se alinham ao que Edgar Morin (2015) chama de “inteligência cega”, que revela a falta de reflexão que os estudiosos dedicam ao conhecimento, uma vez que não se preocupam com o sentido de suas pesquisas e com as consequências de suas descobertas. Tal realidade surge a partir da hegemonia do pensamento científico moderno, em que o conhecimento passou a ser garantido pela certeza e pela objetividade, caracterizado como paradigma da simplificação (MORIN, 2015). Seu ponto central consiste na concepção de que os fenômenos podem ser analisados e compreendidos se forem reduzidos às partes que os constituem (BEHRENS; OLIARI, 2007).

O paradigma da simplificação gerou uma grande especialização das pesquisas científicas, que, ao fragmentar a realidade complexa, estimulou a ideia de que as divisões arbitrárias implementadas no real consistiam na própria realidade. Tal perspectiva, na qual a ciência se apoiou desde o século XVII, possibilitou a realização de significativos progressos da ciência, porém no século XX começaram a surgir suas consequências mais nocivas (MORIN, 2015).

A conjuntura global deste novo século apresenta uma série de desafios em função dos acelerados processos de desenvolvimento tecnológico e da intensificação dos problemas socioambientais. Portanto, a universidade enfrenta o desafio de resgatar a sua vocação crítica e a sua visão complexa sobre a sociedade e o ambiente, que podem fazer com que surjam caminhos para o enfrentamento da crise civilizatória atual.

Outro ponto relevante em relação às universidades consiste na necessidade de se renovar para atender às demandas de formação de profissionais para um mundo em transformação. Alguns fatores que tem acelerado os processos de mudanças no mercado de trabalho são o desenvolvimento tecnológico - como os avanços na velocidade e alcance da internet, o desenvolvimento da robótica, da biotecnologia e da capacidade de processamento de dados -, a criação de fontes de energia renováveis, os acelerados processos de urbanização, o fortalecimento feminino na sociedade e as mudanças climáticas globais (WEF, 2016).

A despeito dessas transformações sociais, cada vez mais evidentes e da urgência da crise socioambiental global, as universidades continuam presas ao padrão de pensamento da modernidade. Por um lado, esse fato tem gerado uma crise paradigmática nas universidades, entretanto, por outro lado, está promovendo a emergência do pensamento complexo (BEHRENS; OLIARI, 2007) e uma abertura, mesmo que ainda tímida, no diálogo entre diferentes culturas, gerações e saberes.

Nesse sentido, Barcelos e Silva (2007) afirmam que é a partir do diálogo com o outro e da aceitação e institucionalização de saberes e culturas que foram historicamente silenciados que pode surgir uma mudança de paradigma, com a superação da crença na ciência e na técnica modernas como formas exclusivas de emancipação humana.

O reconhecimento de outros saberes, além dos que são historicamente valorizados pela ciência, consiste em uma busca no sentido da ecologia de saberes. A ecologia de saberes se embasa no reconhecimento da existência de uma multiplicidade de conhecimentos significativos, relacionados com a imensa diversidade sociocultural do mundo (SANTOS, 2007a). Essa perspectiva prevê a possibilidade de que a ciência não seja vista como uma monocultura, mas como um ecossistema biodiverso de saberes, em que o saber científico possa dialogar com outros saberes, como os saberes populares, dos povos tradicionais e das populações urbanas marginais (SANTOS, 2007b).

A ciência enquanto monocultura elimina uma diversidade de realidades, que ficam fora das concepções científicas da sociedade e, com isso, produz o que Boaventura (2007b) denomina de “epistemicídio”, a morte de outros conhecimentos. Dessa maneira, todos os povos e grupos sociais que se organizam segundo esse tipo de conhecimentos tornam-se também invisíveis e considerados como inexistentes (SANTOS, 2007b).

PERCURSOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento desta pesquisa teve como base a metodologia da Pesquisa-Ação-Participante (TOZONI-REIS, 2005; VIEZZER, 2005) e a análise de narrativas. A Pesquisa-Ação-Participante consiste em uma modalidade de pesquisa qualitativa, que articula a produção de conhecimentos com a ação educativa e formativa dos participantes (TOZONI-REIS, 2005). Ela se orienta a partir da realidade social e cotidiana dos participantes e deve ser exercida como algo integrado ao seu dinamismo (BRANDÃO, 2005). Sendo assim, essa modalidade de pesquisa visa superar a dicotomia pesquisador – objeto de estudo, caracterizando os participantes como produtores de conhecimento sobre sua própria realidade, em colaboração com o “pesquisador acadêmico” (TOZONI-REIS, 2005).

O primeiro momento da pesquisa acontece a partir da vivência com o grupo no período de 2012 a 2015, que possibilitou analisar as ações, as dinâmicas de organização e as construções de sentidos no grupo, que podem ser entendidas como uma investigação do seu “cotidiano” (ALVES, 2003). De acordo com Alves (2003), desde a modernidade, os setores

dominantes indicam que a construção de conhecimentos no cotidiano é errada ou não possui valor. Ainda nesse contexto, as principais formas contemporâneas de construção do conhecimento possuem como base o reducionismo científico e, dessa maneira, buscam separar o sujeito do objeto de estudo. Por outro lado, o estudo do cotidiano busca superar a dicotomia sujeito-objeto e amplia a valorização das múltiplas realidades, subjetividades e saberes existentes.

O segundo momento da pesquisa consistiu na coleta de narrativas de cinco integrantes do grupo, que o compuseram em diferentes períodos. O registro das narrativas foi feito através da gravação de áudio e vídeo, por considerar que o conceito de narrativa não se limita somente à palavra, abrangendo todos os registros significativos (ARFUCH, 2008). As gravações foram feitas no mês de fevereiro de 2016.

O componente narrativo consiste em dizer como se conta uma história, como se articula a temporalidade no relato, qual é o seu início, que/quais aspectos dele são enfatizados e enfraquecidos, como se distribuem os seus sujeitos e suas vozes, e que causalidades sustentam o desenvolvimento da trama, para que caracterize uma prática altamente reveladora (ARFUCH, 2008).

De acordo com Alves (2000), a análise da narrativa como método de investigação do cotidiano escolar consiste em um dos mais importantes métodos para entendimento e organização de histórias do cotidiano, visto que consiste numa apresentação da realidade dada pelos próprios sujeitos. A narrativa permite a apresentação de múltiplos elementos do cotidiano dos indivíduos que compõe o estudo, permitindo a explicitação de seus valores e significados em diversos contextos, além da apresentação de informações e dados abstratos (ALVES, 2000).

ORIGEM E CAMINHOS DO RECANTO

Na Universidade Federal Fluminense (UFF), no ano de 2012, a partir da insatisfação com diversos aspectos relacionados à universidade - que vão desde atividades curriculares até problemas relacionados ao espaço físico - alguns estudantes se aproximaram e criaram um coletivo. Esse processo envolveu estudantes do curso de Ciências Biológicas, visando refletir sobre o papel dos mesmos na universidade, seus processos formativos e outras possibilidades que superassem os pontos de insatisfação individuais e coletivos.

A divulgação dos resultados de suas ações atraiu outras pessoas de cursos e realidades diferentes. Alinhadas à temática ambiental, tais ações iniciaram processos de produção de sentidos dentro e fora dos espaços formais de ensino da universidade, mobilizando diferentes saberes ligados à agroecologia, à agricultura urbana, ao uso de plantas medicinais e à permacultura.

Do objetivo inicial de promover a restauração de canteiros subutilizados – do qual deriva o nome Recanto – o grupo se viu continuamente desafiado a superar sua capacidade de planejamento, organização e intervenção no âmbito de um projeto que se pretendia interdisciplinar. Embora respaldados em alguns aspectos pela vivência em um curso de graduação, a atuação dos estudantes no Recanto representa uma crítica criativa às limitações da universidade e aos paradigmas que a orientam.

Partindo do entendimento de que a universidade deve se relacionar com a comunidade, o grupo buscou se abrir por meio da perspectiva da extensão, que, assim como o ensino e a pesquisa, é um dos pilares da universidade e elemento indispensável para que se caracterize como tal. Nesse quesito, defendiam-se espaços horizontais e dialógicos em que a participação cidadã efetiva pudesse ser respaldada.

CONSTRUÇÃO DE SABERES E SENTIDOS – PROCESSO DE CRIAÇÃO E GESTÃO DO GRUPO

Dentre as cinco pessoas que tiveram suas narrativas registradas, três participaram do processo de criação do grupo. Foi possível perceber que diferentes motivações levaram essas pessoas a se aproximar e se unir. Porém, tais motivações possuem bases comuns, que traduzem a necessidade de reformulação do posicionamento dos estudantes dentro da universidade, superando uma postura passiva, a necessidade de reformulação do currículo e o inconformismo com a má conservação e utilização dos espaços físicos da universidade. Também foi observado que esses pensamentos e posicionamentos críticos em relação à universidade surgiram em diferentes momentos das vidas dessas pessoas. Segundo seus relatos, pode-se identificar algumas situações que atuaram como catalisadoras desse processo, como a vivência por um semestre em outra universidade por meio de um programa de mobilidade acadêmica, o contato com disciplinas da faculdade de educação e a realização de disciplinas ligadas à botânica.

A partir dessa análise, percebe-se que os estudantes tinham como objetivos não apenas questionar a estrutura e o funcionamento acadêmico, mas também, apresentar e realizar propostas de reformulação desse complexo universo que é uma universidade pública. Por se tratar de uma universidade federal e, portanto, pública, entendemos a articulação e mobilização desses estudantes como uma luta pelo direito à universidade, analogamente ao “direito à cidade”. Tal termo, cunhado por Henri Lefebvre em 1968, indica que o direito à cidade vai além do simples direito de alguém usufruir bens urbanos, expandindo-se para o controle social das pessoas sobre as formas de viver e habitar a cidade, permitindo assim a expressão das diferenças individuais em meio ao coletivo (CAMPBELL, 2014).

A formação do Recanto não é um movimento isolado. Nas universidades públicas do Rio de Janeiro e de outros estados, existem diversos coletivos de estudantes que buscam uma participação mais ativa no ambiente universitário e no seu processo formativo. Uma das principais intenções consistem na busca pela inserção de outros saberes, diferentes dos que são originalmente valorizados e aceitos pela academia, promovendo assim a ecologia de saberes.

Boaventura de Sousa Santos (2007b) afirma que a ecologia de saberes é, ao mesmo tempo constituída por sujeitos desestabilizadores, individuais ou coletivos e constituidora de tais agentes. De acordo o autor, a ecologia de saberes apresenta uma subjetividade dotada de especial energia e capacidade de alterar a relação entre causa e efeito, apresentando movimentos espontâneos. Sendo assim, o Recanto nitidamente promove a ecologia de saberes na universidade, em um processo que abre caminhos para o pensar sobre as bases epistemológicas da universidade, bem como sobre o seu papel social.

HISTÓRICO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO GRUPO

As primeiras atividades desenvolvidas pelo grupo aconteceram em 2012 e consistiram na manutenção dos canteiros que se localizam na entrada do Instituto de Biologia (IB), que se deram com a remoção do lixo, a realização de adubação verde e a confecção de cartazes. Durante esse período foi identificado um espaço inutilizado ao lado do IB, que tinha significativa quantidade de materiais descartados de maneira inadequada, tais como mobiliário quebrado, objetos de laboratório (vidraria, caixas, frascos de reagentes químicos, botijões de gás, etc.) e documentos velhos. Considerou-se relevante a apropriação deste espaço para a criação de uma base do grupo e para a realização de reuniões, encontros, grupos

de estudos e outras atividades. Nesse contexto, foi organizado um mutirão, que contou com a participação de cerca de 15 estudantes e resultou na limpeza de toda a área, com o descarte dos materiais de maneira correta.

Com o fim do período letivo e início das férias, os estudantes naturalmente se afastaram da universidade e isso gerou uma desarticulação. A maioria dos estudantes parou de comparecer aos encontros marcados, até o ponto em que se tornou inviável dar continuidade às atividades. Esse momento não foi o fim, mas apenas um longo “recesso” do Recanto, que durou até julho de 2015.

Em 2015, cerca de dois anos após a paralisação das atividades, três estudantes se uniram novamente e convocaram a retomada do Recanto, que contou com a adesão de novos participantes. Durante esse período de pausa, houve novos conhecimentos, saberes e práticas vivenciadas, o que renovou a vontade de reestabelecimento do grupo, associado a novos objetivos.

Num momento inicial de reestabelecimento, acreditou-se que a melhor organização do espaço físico e a construção de uma área coberta estimularia a participação de novos integrantes e daria fôlego para a continuação do grupo. Nesse sentido, buscou-se utilizar a bioconstrução, através da técnica de “taipa-de-mão” ou “pau-a-pique” e da reutilização de materiais. A escolha da bioconstrução ocorreu com o objetivo de utilizar formas menos impactantes ao ambiente e de trazer reflexão e debate sobre esses conhecimentos para dentro da universidade.

Com a rearticulação do grupo, foi marcado um mutirão para dar início ao planejamento e à construção. Em um primeiro momento, foi feita uma reunião para se definir a estrutura, que foi pensada e desenhada coletivamente pelos integrantes. Posteriormente foi feita a coleta dos bambus em um bambuzal localizado a poucos metros do local da construção, que em seguida foram tratados por meio do uso de calor, com um maçarico. Esse processo gerou uma rica discussão sobre as múltiplas possibilidades de uso do bambu, os métodos de manejo do bambuzal e as técnicas de tratamento do bambu, para que ele fique mais resistente e durável.

Ao longo do ano foram realizados diversos mutirões que resultaram na construção de uma parede de pau a pique, de uma estrutura do telhado com bambu e de um forno de barro. O forno foi construído em uma atividade do trote de Ciências Biológicas. A realização dessa atividade possuiu um caráter integrador com os estudantes que estão ingressando na universidade. Por meio dessa atividade, os estudantes foram introduzidos aos assuntos ligados

à agroecologia e à permacultura, temas que buscam uma reformulação das relações das pessoas entre si e com a terra, almejando a transformação para uma sociedade mais harmônica, cooperativa e menos impactante para o ambiente.

Em outubro de 2015 ocorreu a I Mostra Acadêmico-Científica de Niterói, na qual o grupo participou com a apresentação de um relato de experiência. Essa foi uma ocasião muito importante, pois explicitou a relevância acadêmica do grupo, cumprindo uma das grandes exigências da academia que é a produção de artigos científicos e apresentação de trabalhos em eventos. Além de cumprir essa demanda, considera-se de grande importância a divulgação do grupo e de suas atividades.

Uma outra atividade realizada, ainda que com enfoque diferente, foi a BioPizzada. Um evento que consistiu em uma celebração, em que diversas pessoas levaram instrumentos musicais e confraternizaram comendo pizzas feitas no forno construído por elas próprias.

PERCEPÇÕES DO GRUPO PELOS SEUS INTEGRANTES

As percepções sobre o grupo e suas atividades apresentadas pelos cinco entrevistados possuem alguns elementos marcantes que são: a mobilização e ação por parte dos estudantes; o estímulo ao pensamento crítico; a promoção de integração entre os participantes; a realização de atividades práticas, o que normalmente ocorre com pouca frequência na universidade; a aproximação de saberes não acadêmicos com a universidade; e a recuperação de um espaço abandonado.

Milton Santos (2014) apresenta uma análise sobre o espaço, classificando-o como um conjunto indissociável de “sistemas de objetos” e “sistemas de ações”. A interação entre esses dois sistemas gera uma dinâmica, na qual os sistemas de objetos condicionam a forma como as ações se dão, e os sistemas de ações agem sobre os objetos preexistentes ou criando novos objetos.

Nesta pesquisa, pode-se considerar como um sistema de objetos preexistente a universidade, com seus campus, institutos e demais estruturas. As vivências dos estudantes no meio acadêmico podem ser entendidas como sistemas de ações. Tais ações ocorrem, de modo geral, seguindo os padrões históricos da universidade, que apresentam, dentre outras características, a hierarquia, por meio da qual os estudantes de graduação compõem a base do corpo intelectual, consistindo em receptores de informações que são passadas pelos professores doutores – posto mais alto da escala, podendo apenas subir um pouco mais na

carreira caso obtenham bolsas de produtividade. Nesse contexto, o estudante apresenta uma postura primordialmente passiva, seguindo as regras impostas, sem buscar mudanças em relação às inconformidades existentes, agindo ativamente apenas para o aumento do seu coeficiente de rendimento. Essa situação pode ser vista como um “meio de ação cristalizado” ou “meio de ação fixo” (DURKHEIM, 1962 *apud* SANTOS, 2014). Santos (2014) define essas terminologias como uma grande diversidade de relações sociais criadas em um momento passado e que perduram e vigoram no presente, tais como os costumes e as leis.

A mobilização dos estudantes, que culminou em um coletivo organizado, apesar de suas dificuldades e limitações, representa um sistema de ação dinâmico, que age sobre os objetos existentes, transformando-os e transformando-se ao mesmo tempo. Essa experiência pode ser vista como um processo de práxis (FREIRE, 2014) em que os estudantes criaram um movimento contínuo de reflexão e ação sobre a sua presença na universidade.

TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO, CRIAÇÃO DO LUGAR

Ao analisar os processos de criação e desenvolvimento do Recanto relatados pelos participantes entrevistados, fica nítido que uma de suas motivações para a criação partiu da inquietação dos estudantes em relação à má conservação do espaço físico da universidade – inicialmente com os canteiros e depois com a área ao lado do IB, que foi ocupada e transformada.

Em relação à semântica, de acordo com Santos (2014), os ambientes dissociados de qualquer relação social, ou seja, sem a presença ou atribuição de valores pelo ser humano, são caracterizados como ‘paisagem’. Com a inclusão dos aspectos humanos, os ambientes caracterizam-se como ‘espaço’, que é definido como “a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais”. É importante atentarmos-nos a noção de transitoriedade ou instabilidade que o autor atribui ao espaço no momento em que afirma que o espaço “constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas”.

Tuan (2013) apresenta a diferenciação entre “espaço” e “lugar”. O “espaço” passa a ser entendido como “lugar” no momento em que há atribuição de valor, ou seja, quando há experiências que fomentam a construção de sentidos. Não há, entretanto, um momento exato em que ocorre a transformação do espaço em lugar. Na verdade, o que ocorre é um contínuo processo de modificação (DUARTE; VILLANOVA, 2013).

A transformação da área ao lado do IB consiste em um processo de modificação do lugar. Tal processo teve início com o primeiro mutirão, onde os estudantes se uniram para limpar o espaço, para que então pudesse ser ocupado. A cada encontro realizado, novas modificações ocorrem, o que caracteriza o contínuo processo de transformação.

As transformações ocorridas naquele espaço, que iniciaram com a limpeza, geraram a construção de diversos sentidos afetivos com o já então lugar, e não mais espaço. A relação das pessoas com o lugar é muito nítida em diversos momentos das narrativas, onde percebe-se expressões diversas no rosto dessas pessoas.

De acordo com Santos (2014), baseado em Morgenster (1960), ação consiste em um processo dotado de propósito, por meio do qual um agente, ao mudar algo, muda concomitantemente a si mesmo, em um movimento diretamente relacionado ao conceito de práxis.

Ao longo dos quatro anos de existência do grupo, houve muitas mudanças no lugar, e, certamente, muitas mudanças também ocorreram com seus integrantes. Como já foi mencionado, entre 2013 e 2015, houve um período de inatividade de quase dois anos, o que demonstra a dificuldade de criar e manter um coletivo com princípios contra hegemônicos dentro da universidade.

NOVOS SENTIDOS E VALORES

A possibilidade que o Recanto oferece de que os estudantes tenham contato com elementos naturais como a terra e as plantas, além do íntimo contato com outras pessoas, estimula seus diversos sentidos, conferindo ao ambiente a personalidade estimulante que Tuan (2013) expressa, em contraposição aos ambientes inertes e apáticos, que em geral constituem as universidades. Segundo o autor, os ambientes arquitetônicos modernos podem ser visualmente belos, porém frequentemente carecem de personalidade estimulante.

Esse estímulo que o lugar pode promover, associado às trocas de ideias entre seus integrantes, favorece o pensamento crítico e reflexivo. Dessa maneira, mesmo estando inserido no meio acadêmico, com toda sua sobriedade e rigidez que mediam o condicionamento dos sistemas de objetos sobre os sistemas de ações (SANTOS, 2014), o Recanto surge como uma novidade, a qual Santos nos diz ser possível de ser forjada.

Essa novidade, que ocorre por meio da promoção da ecologia de saberes na universidade, de relações sociais cooperativas, da valorização da horizontalidade e do

estímulo ao pensamento crítico, vem ganhando força na academia e, em muitos casos, tem os coletivos estudantis como protagonistas. O primeiro coletivo criado na UFF com enfoque na agroecologia foi o MÃE – Mutirão de Agricultura Ecológica, e hoje já existem outros, como o coletivo Horta na Morada e o coletivo Ecorráuze, que têm se articulado e construído um movimento maior. Na medida em que esse movimento se ramifica pela universidade e fora dela, ele pode se caracterizar como um movimento de vanguarda ambientalista que fortalece a construção de novas possibilidades de transformação da sociedade.

RELAÇÕES DO RECANTO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O campo da EA apresenta uma diversidade de concepções, que possuem significativas diferenças em função das bases epistemológicas, pedagógicas e políticas que a orientam. Layrargues e Lima (2014), em seu trabalho sobre as macrotendências da EA no Brasil, identificam três macrotendências: a conservacionista, a pragmática e a crítica. A macrotendência conservacionista possui grande influência da ecologia e tem como bases a valorização dos elementos naturais e a mudança de comportamento individual. A macrotendência pragmática se aproxima a visão do desenvolvimento sustentável, sob a ótica neoliberal, tendo como base a preocupação com o consumo e produção de lixo, bem como a responsabilidade socioambiental e a certificação das empresas (LAYRARGUES E LIMA, 2014).

As macrotendências conservacionista e pragmática possuem uma importante característica em comum, que consiste no fato de não incluírem as dimensões sociais e políticas à perspectiva ambiental. Dessa maneira, ambas se alinham à perspectiva conservadora da EA, considerada como um dos mecanismos de reprodução das condições socioambientais atuais (GUIMARÃES, 2004).

A macrotendência crítica, por outro lado, compreende a EA a partir de uma visão complexa, politizada e contextualizada dos elementos que envolvem a discussão ambiental (LAYRARGUES E LIMA, 2014). Essa perspectiva consiste em uma contraposição a EA conservadora, que, por meio de outro referencial teórico, fomenta uma práxis capaz de contribuir com a transformação socioambiental (GUIMARÃES, 2004).

Diante da perspectiva ambientalista, Guimarães e Sampaio (2014) apresentam a necessidade de se transpor o “dispositivo da sustentabilidade”, que, segundo os autores, consiste em um conjunto de práticas e sentidos que configuram formas de ser e de

compreender o mundo, relacionadas com atitudes ecologicamente corretas ou sustentáveis. Tais noções estão alinhadas a EA conservadora e caracterizam-se por formas homogêneas e preestabelecidas que orquestram os pensamentos e ações individuais.

Com a valorização dos múltiplos saberes historicamente construídos, que compõem as realidades de cada indivíduo, há um reconhecimento da importância dos movimentos socioambientais como espaços de produção teórica (GUIMARÃES; SAMPAIO, 2014). Dessa forma, a EA se faz de acordo com as representações e realidades de cada indivíduo, elaboradas num processo dinâmico, com a aproximação de saberes e experiências construídos ao longo da vida de cada um e compartilhados com o grupo. Tal processo contra hegemônico aproxima-se da perspectiva crítica da EA ao se revelar como uma dimensão voltada para a participação de seus atores na formulação de um novo paradigma, que contemple os anseios populares por um ambiente saudável e por uma melhor qualidade de vida (GUIMARÃES, 2012).

Nesse sentido, acredito que o Recanto, com seus processos e ações, aproxima-se, em muitos momentos, do que entendemos como EA, sendo essa relacionada à perspectiva crítica. A vivência dos estudantes no grupo consiste em um processo de formação, complementar a formação acadêmica fruto das disciplinas e dos estágios. Por meio dessas atividades, os estudantes são capazes pensar sobre a complexidade da universidade, o papel social que essa instituição possui e onde eles se encaixam nesse sistema. Além disso, há uma integração entre diferentes pessoas, de diferentes realidades sociais, o que possibilita um amplo debate, além trocas mais sutis e subjetivas.

Sendo assim, o espaço ocupado e ressignificado pelo coletivo aparece como um refúgio ou recanto, onde outras lógicas de relações sociais são cultivadas e onde a ecologia de saberes é desenvolvida. Esse é também um lugar de resgate e desenvolvimento da humanização, por meio da música, da pintura, da culinária, da agroecologia e da permacultura, que se expande e é catalisada no cotidiano do grupo. Tal vivência promove o desenvolvimento de uma leitura de mundo mais complexa e da necessidade da contraposição aos paradigmas hegemônicos da sociedade, para que se alcance as tão urgentes transformações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma práxis que, em geral, se alinha à EA crítica, os coletivos estudantis alimentam as universidades com esperança, uma dimensão que não é característica dessas instituições. A esperança é uma força fundamental para que qualquer transformação socioambiental possa ser construída. Porém, como nos lembra Paulo Freire (2011), não qualquer esperança, ingênua ou fantasiosa. Para que a tenhamos como elemento catalisador de mudança, se faz fundamental uma “esperança crítica”, que leve em conta os dados concretos e que sempre se aproxime à prática.

Os padrões cartesianos e competitivos da academia, bem como o seu distanciamento em relação à sociedade e a ação prática, promovem o desenvolvimento de processos pedagógicos ausentes de esperança. Desse modo, tal desesperança enquanto realidade pedagógica, associada a um momento alarmante, que se agrava com a expansão da extrema direita no poder político, tem contribuído com a formação de jovens desesperançosos, deprimidos e ansiosos.

A força que emerge dos coletivos estudantis, oxigena e colore a academia, trazendo sentido para muitas teorias estudadas e para as escolhas feitas pelos estudantes quando ingressaram na universidade. Os coletivos servem de estímulo até mesmo para muitos professores, que já perceberam a necessidade de abrir a universidade para a sociedade, na perspectiva de contribuir com transformações nas suas diversas dimensões sociais, bem como para ouvi-la. Sendo assim, os coletivos estudantis são fonte de esperança, de diversidade e de transformação, tanto do universo acadêmico quanto da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

ALVES, N.G. A narrativa como método na história do cotidiano escolar. In: I CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Anais. **Educação no Brasil: história e historiografia**. 2000.

ALVES, N.G. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Revista Teias**, v. 4, n. 7, p. 1-8, 2003.

ALVES, N.G.; SOARES, M.C.S. Educando o cidadão do futuro e de hoje - pensando a formação de docentes necessária. **Educação em Foco**, v. 18, n. 1, p. 17-42, 2013.

ARFUCH, L. El espacio teórico de la narrativa: um desafío ético y político. **Utopía y praxis latino-americana**. Año 13, n. 42, p. 131-140, 2008.

BEHRENS, M.A.; OLIARI, A.L.T. A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional à complexidade. **Revista Diálogo Educacional** (PUCPR), v. 7, n. 22, p 53-66, 2007.

BRANDÃO, C.R. Pesquisa Participante. In: JÚNIOR, L.A.F. **Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

CAMPBELL, B. **Arte para uma cidade sensível**. Invisíveis produções, São Paulo, 2014.

DUARTE, C.R.S.; VILLANOVA, R. **Novos Olhares sobre o Lugar: ferramentas e metodologias, da Arquitetura à Antropologia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contracapa, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014

GUIMARÃES, L.B.; SAMPAIO, S.M.V. Educação Ambiental nas pedagogias do presente. **Revista Em Aberto - INEP**, v. 27, n. 91, p. 123-134, 2014.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

GUIMARÃES, M. Educação Ambiental Crítica. In: LAYRARGUES, P. P. (Org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília (DF): Edições Ministério do Meio Ambiente, 2004.

LAYRARGUES, P.P.; LIMA, G.F.C. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 1, p. 23-40, 2014.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. – Porto Alegre : Sulina, 2015.

SANTOS, B.S. Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, 2007a.

SANTOS, B.S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo : Boitempo, 2007b.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 8. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SOBRINHO, J.D. Educação superior, globalização e democratização. Qual universidade? **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n. 28, p. 164-173, 2005.

TOZONI-REIS, M.F.C. Pesquisa-Ação. In: FERRARO JÚNIOR, L.A. (Org.). **Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores.** Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Londrina : Eduel, 2013.

VIEZZER, M.L. Pesquisa-Ação-Participante (PAP). **Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores /** Luiz Antônio Ferraro Júnior, org. - Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

WEF. **The Future of Jobs Report.** Employment, skills and workforce strategy for the fourth industrial revolution, 2016.